EXCURSÃO A EVORA

Antes de analysarmos e comentarmos o passeio da tuna academica da Escola Polytechnica a Evora devemos declarar que, no que disseimos, não vae envolvida a menor parcella de animosidade contra qualquer dos nossos collegas que foram áquella cidade nem contra ninguém. A grande maioria d'aquelles estudantes não conheciamos quando partiram, e muitos ainda hoje não conhecemos.

Em these as tunas são agremiações que devem existir em todas as academias; isto, é para nós ponto assente que julgamos não admitir contestação; e, não discutiremos agora se a tuna da Escola Polytechnica é melhor ou peor que qualquer outra, isso ficará para depois.

Foi assim que quando soubemos do passeio que a tuna da Polytechnica tencionava dar a Evora applaudimos a ideia, e até tres dos fundadores d'este jornal a acompanhou até lá, levando principalmente um o fim de colher apontamentos com que pudesse n'este jornal aconselhar se á academia a que temos a honra de pertencer as modificações a introduzir em futuros passeios.

E, desde já declaramos que da grande maioria dos estudantes e principalmente da direcção da tuna e do seu delegado o nosso bom amigo Lino das Neves trouxemos as mais gratas recordações pela forma amavel e gentil com que nos franquearam sempre a entrada nas suas festas de forma a permitirmos colher os necessarios apontamentos para agora imparcialmente lhe dizermos as nossas impressões.

A festa pôde dizer-se que correu bem porque a boa vontade do maior numero combinada com os esforços dos dirigentes da tuna e com a actividade e energica e intelligente cooperação de Lino das Neves poderam dissipar um pouco a má impressão produzida por meia dúzia de estudantes uns que foram, outros que ficaram. E não exageramos quando dizemos meia dúzia. Constituem precisamente duas Trindades os estudantes que podiam ter vexado os academicos que foram a Evora se lhes não faltasse um requisito indispensavel — auctoridade moral.

O procedimento dos que foram, aconselha a prudencia que a direcção da tuna os não torne a deixar ir em passeios d'esta natureza. Quem não pode, ou não sabe portar-se de forma, pelo menos, a não desmanchar o conjunto deita-se fóra por inconveniente. Mas, ir n'um grupo de rapazes todos alegres, amigos e principalmente bem-educados uns que podem causar sensaborias e que para serem mantidos na ordem levam os collegas a extremos de que depois teem que desculpar-se perante as pessoas extranhas á academia, que assistiram á pratica d'esses unicos meios com que certos sujeitos são mantidos dentro da mais rudimentar educação, julgamos obvio explicar porque achamos prudente que taes cavalheiros não tornem a acompanhar a tuna, evitando-se assim que se repitam espectaculos que não só deslustram quem lhe dá causa, como prejudicam o bom nome da academia, que todos nós temos o direito e o dever de defender.

Todavia o procedimento da Trindade que ficou em Lisboa foi muito mais revoltante, a ser verdade que tivessem empregado para desacreditar os seus collegas um processo tão baixo.

Quando no dia da chegada de Sua Magestade os estudantes pertencentes á tuna da Escola Polytechnica foram pedir a El Rei que lhe desse feriado para poderem partir para Evora como já haviam combinado com a academia d'aquella cidade, logo uns sujeitos com prurides de republicanos protestaram, pois que, diziam elles, a tuna não representa a vontade de toda a escola, e por isso não deviam pedir feriados que nós os republicanos não queremos.

A tuna continuou pedindo os feria-

dos até que o sr. Ministro do Reino lhes prometteu, quem sabe se s. ex. já saberia que ha republicanos na Escola Polytechnica, que só daria os feriados á tuna e a quem a acompanhasse. Parece-nos que não era este o melhor meio de proceder; os feriados deviam ter sido dados a todos ou a nenhuns, mas, em vista dos protestos dos republicanos, era realmente o melhor meio de satisfazer todos; os que, como nós, se achavam satisfeitos por Sua Magestade se ter dignado conceder os feriados, e os que por republicanos não querem receber favores dos poderes do Estado.

Assim, parecia ao bom senso ter-se resolvido a questão, porquanto quem queria, ia com a tuna e não tinha faltas, e os republicanos lá tinham as aulas para mostrarem a sua izenção. Não querendo pedir ou receber qualquer favor de El-Rei.

Mas, toca a campanha para a primeira aula, e a lealdade d'aquelles cavalheiros aos dogmas republicanos perturbada pela paternidade academica que elles tanto apregõam, começa a roer-lhes na consciencia e trata em então de forjar, segundo nos dizem pouco escrupulosamente, qualquer coisa com que podessem comprometter os collegas que haviam partido para Evora. Não podiam argumentar com lealdade, pois que, se se viam na necessidade de ir ás aulas foi por causa dos seus protestos e portanto estavam n'uma situação por elles proprios creada. Recorreram, pois, á falsidade. Parece impossivel que quem se diz defensor dos principios da liberdade, egualdade e paternidade recorra a um tal processo para comprometter os seus collegas que já então se encontravam em Evora.

O processo que, segundo consta, consistiu em mandarem espalhar por aquella cidade que os seus condiscipulos não eram realmente alumnos da Escola Polytechnica, fazendo os assim passar por comediantes, poderia ter graves consequências se o nobre povo de Evora não tivesse tido a intuição dos maleficiosos processos de que certa gente se secebi. Não produziu, porém, effeito o íres, ma urdiu pois que não podiam ser cotil-enthusiasticas tanto a recepção cor- despedida de Evora, e portanto quanto a nós teve a coragem de classificar characteres que não convinha deixar continuar na somba praticando proezas como esta.

Mas, se tudo isto é verdadeiro confessamos que sentimos que a tuna da Escola Polytechnica, se apresente com um regente, que seja muito bom, e com certeza o é, mas que, em verdade, anda com um fato que lhe não pertence. Capa e batina usam os estudantes das escolas superiores e d'aquelles lyceus que solicitem e obtenham permissão para a usar. As outras escolas não se-ñhor.

O regente pode e deve ser uma pessoa respeitada na tuna, mas essa consideração não pode ir até ao ponto de se lhe consentir que use um fato que lhe não pertence.

E ao regente não lhe ficava mal fazendo como o regente da tuna de Coimbra que se apresenta com os estudantes ou de casaca ou como o seu fato de bedel.

Se o regente assim procedesse, apresentando-se em publico simplesmente como a pessoa que obsequiosamente ensina a tuna, então sim todas as manifestações lhe estariam bem cabidas a elle que seria o mestre, mas só o mestre e como tal considerado, e nunca vestido com o que lhe não pertence. E ao regente ficava-lhe até bem não accedendo a vestir-se com um fato que podem mandar despir pela mesma razão, porque nos mandariam despir se algum de nós se atrevesse a envergar, por exemplo, o fardamento de official.

Em nossa opinião é uma falta de consideração pela Academia deixar que as suas vestes andem envergadas por quem não tem direito a usal-as.

Ha no anno uma epoca em que todos podem satisfazer os seus caprichos,

vestindo-se ainda com factos mais bonitos que a modesta capa e batina dos estudantes.

Mas estas respeitem-na e façam respeitadas-las.

Com relação aos saraus que se effectuaram em Evora diremos que tudo agradou muito.

A tuna tocou primorosamente; e na parte dramatica tambem tudo muito bem; com excepção da poesia que um estudante recitou na primeira noite. Este precisa antes de se tornar a apresentar em publico ser melhor ensaiado. Sobresahiram no desempenho das diferentes comedias que se representaram Mello Abreu, Carlos Bastos, Ressano Garcia, Alvaro de Carvalho, Severim de Moraes, Pedro Gouveia e Luiz de Oliveira.

As comedias que se representaram eram originaes dos alumnos de Escola Polytechnica, Severim de Moraes, Hermano Neves e Alves d'Azevedo, sendo interpretes e auctores muito applaudidos como mereceram.

Com relação ao bosto que correu em Evora de que os rapazes que ali estiveram não eram realmente alumnos da Escola Polytechnica estamos auctorisados a desmentir tal affirmação. Todos, excepto o regente da tuna, são alumnos de Escola Polytechnica.

TUNAS

No proximo numero, se podermos obter a tempo os necessarios apontamentos, referir-nos-hemos ao passeio da tuna academica de Lisboa.

E já temos que fazer contando o que por lá fizeram academicos e não academicos.

Ficará provavelmente para os numeros seguintes as descrições dos passeios das tunas do Lyceu e Instituto Industrial.

Principalmente esta ultima, segundo nos consta, tocou as raizs do comico por essas terras de Portugal.

O PRIMEIRO BEIJÃO

O baile estava então, No mais alto furor da sua animação. E terno sonhador, eu, na sombra escondido, Ouvia muito ao longe o alegre arruado Das damas deslizando ao braço dos valesistas, Buscando o galanteio em phrases gangaratas. E dos vasos pendente o rosicler de flores Espalhava na sala aromas seductores. Enquanto elles passavam em nuvens de goso Eu ficava me só, pensativo e nervoso, Meu espirito correndo a capelha de meus sonhos, Melancholicos hoje, outr'ora tão risonhos! Quando a orquesta soltava uma phrase mais bella, Ouvia então, a doce e meiga voz: — a d'ella! — Cantando me baixinho esse amor puro e santo, Que ella soube inspirar! Amava-a tanto! Mas era um sonho só, d'esperança foragida! — O' Deus elemente e bom, leva-me d'esta vida Onde triste, sem guia entre os olhos avanço, Para outra onde gose um eterno descanso Que n'esta não achei! —

Assim pensava eu, Quando senti um rosto acariando o meu Voltar-me e poudo ver — jámais, torra fagueira, Te poderei esquecer a minha vida inteira! — Quem? E ella, ella emfim! Stando em cima o olhar! Meu corpo estremeceu! Quir-me erguer! Que fallar! Mas ella ternamente, envolta n'um sorriso, Sentou-se ao pé de mim — oh! doce Parizo! — E n'um beijo fervente uniuos nossos boccos; Ao longe, no salão, dançavam d'ellas loucas.

JORGE DE CASTILHO.

O CONCELHO D'ALCOCHETE

Com este titulo publicou o nosso amigo e distincto collega sr. Ramos da Costa um interessante folheto illustrado, no qual, com estylo simples e despretencioso, descreve minuciosamente o concelho que lhe serviu de berço. A villa d'Alcochete deve agradecer ao sr. Ramos da Costa, que é um investigador infatigavel e um espirito altruista, este magnifico trabalho que a tornará conhecida, pois que o auctor vai distribuir o seu opusculo gratuitamente por todo o paiz.

Felicitando o nosso amigo, por esta nova prova do seu talento, resta-nos agradecer-lhe a amavel dedicatória dos exemplares que nos enviou.

CRÓNICA

Manhãs lindas e frias do outono, essas que vão correndo, annunciadoras dos bellos dias de sol quente e benéfico que aquece e dá saúde, agora tristes e chuvosas.

Manhãs de dezembro, tenuemente ennovoadas, em que as ultimas fôlhas amarellecidas se desprendem das arvores e caem no chão, sem vida.

E' pelo cair da fôlha, quando na atmosfera fria e mortifera, reina o perfume suave das violetas encantadoras, que me chega a noticia duma fôlha academica cheia de vida mostrando união, visagem larga, reunido em volta tôda essa multidão enorme dos que trabalham pelo cérebro, dos que cultivam a aridez duma ciencia vasta, quase sem limites, no horizonte sempre cheio de esperanças do futuro.

São esses cavadores da terra, que maneando a enxada sempre pezada e difficil do estudo, mais tarde hão-de ser os continuadores dessa obra, que dia a dia, vai crescendo, aumentando qual mar, em que as aguas revôltas por uma tempestade transbordassem subitamente.

E essa obra imensa, que hade ser um dia uma realidade, é aquella vida positiva, que só a ciencia, com as suas revelações, cheias de claridades brilhantes pôde gerar.

Hade ser tambem a arte, em busca do bello, subsidiada pela ciencia, no impressionismo estético das suas expressões vibrantes de verdade, que contribuirá para o fim grandioso ou antes para esse principio dum viver são.

Recebi a noticia, satisfeito, porque um incentivo ao trabalho, como eu julgo ser esta fôlha, é sempre para mim agradável, que desejo melhores dias, na ardencia duma mocidade, que nos impelle para uma vida cheia de amor feccundo, como esse vibrante poeta do Bom caminho, que:

Vae pela Vida porque a Vida é clara: Vae para a Morte porque a Morte é grande.

Sentimos-nos vivificados por um extraordinario alento, quando lemos essa poesia em que o admiravel duma Arte pura e sobérba resalta.

Esses versos que aí ficam são a síntese bella e verdadeira duma aspiração: — Caminhar para uma Vida futura, em que a imposição real dos factos, ha de expulsar o erro e estabelecer a crença no que é positivo, grandioso e bom!...

E, quando na natureza o outono faz cair as ultimas fôlhas, mostrando a morte, manifesta-se a vida pelo apparecimento do *Academico*.

Dezembro de 1902.

COUTO NOGUEIRA

A RIR

Eu um dia traduzi,
Quando estudava latim,
Uma fabula. Era assim,
Se acaso não me esqueci:

Um gayo tolo, apanhou,
Lindas pennas d'um pavão.
Que encontrara pelo chão
E com ellas se enfeitou.

Depois despresando os seus,
P'ra se juntar aos pavões,
Mostrou com estas açções,
Ser o maior dos sandeus...

Mas estas aves, ao vêrem
Do gayo o descaramento,
Tiveram o entendimento,
De ás picarlas o correrem.

Este triste, desolado,
Voltou p'ra sua familia,
Mas soffreu inda a quisilia,
D'ella o ter já desprezado.

Para ti, que és tão manhoso,
Isto não vale de nada...
Porém apanha a piada
Carissimo glorioso!

DE MONOCULO.

O THEATRO MODERNO

ORIGENS

(ESTUDO HISTORICO LITTERARIO)

I

A litteratura dramatica, tendo exercido sempre um papel bem evidente de notavel superioridade na historia litteraria de todos os paizes, no progresso evolutivo de todas as gerações, emfim, na civilização geral de todos os povos pois que é, por assim dizer, o eterno espelho onde se reflectem nitidamente, em rebêveros seculares as individualidades historicas ou symbolicas do seu tempo, a tela immensa e animada da vida e costumes militares ou religiosos, cavalheirescos ou plebeus da sua epoca, o esboço esthetico dos productos mesologicos que synthetizam uma nacionalidade ou que definem uma raça nas suas multiplas paixões, nas suas luctas epicas, no seu apogeu ou na sua decadencia, tem sido sempre estudada com verdadeiro interesse na sua gigantesca evolução através os seculos.

Se o theatro antigo, grego e romano nos deixou obras preciosissimas e perduraveis dos seus immortaes comedigraphos, que se por vezes nos assombram nas suas dramaticas composições pelo tragico e violento dos personagens (quasi deificados n'algumas peças), que vivem d'uma flagrante realidade e d'uma emocionante sensibilidade, outras fazem-nos estalar de riso pela critica fiel e mordaz dos habitos ridiculos da sua educação ou pelo grotesco e quasi inverosimil dos vultos satyrisados; se o theatro medieval nos legou igualmente trabalhos de subido valor e de merito incontestavel como todas as suas produções, envoltas n'uma neblina lendaria de aventuras de cavalleiros e trovadores que sacrificam a vida agora por um sorriso de mulher logo por uma victoria do Christianismo, o theatro moderno tem sobre tudo, pela grande e radical revolução que operou nas formas dramaticas anteriores, impressionado extraordinariamente todos os criticos e eruditos.

Sem duvida que uma das questões que mais tem preocupado os homens de letras e muito particularmente todos os historiadores do theatro francez, desde o duque de la Vallière e Beauchamps, até aos irmãos Parfaits, foi a das origens do theatro moderno.

Effectivamente é muito difficil assignalar a epoca a que devemos remontar exactamente os primeiros germens do theatro moderno; esse theatro que em França teve como primeiro cultor Hardy e que progressivamente se foi aperfeiçoando até produzir-nos esses colossaes monumentos da litteratura franceza: *O Cid*, *O Polyveto*, *Ciuna*, *Horacio*, *A Morte de Pompeu*, de Corneille que nas suas sublimes tragedias faz reviver os grandes heroes nas suas temerarias proezas; que em Inglaterra tem o primeiro clarão de vida em Marlowe, para mais tarde refugir em todo o seu esplendor nas obras geniaes de Shakespeare: *Hamlet*, *Othello*, *Romeu e Julieta*, *O Rei de Lear*, que se perpetuam pelo decorrer dos tempos; esse theatro que na Alemanha tem uma origem baixa, nas produções litterarias do sapateiro Hans Sachs, o conhecido personagem da celebre opera wagneriana, *Os Mestres Cantoras*, e que depois vai successivamente elevando-se até aos dramas de Schiller e de Goethe, cuja obra prima *O Fausto*, serviu de thema a Gounod, para compor a lindissima opera que o honra na posteridade, e finalmente na Hespanha e na Italia, irradia as primeiras fulgurações em Lope de Rueda e no cardeal Bibiense e chega a atingir as rutilantes culminações de luz immorredoura nas perolas litterarias de Calderon da Barca, verdadeiros poemas rendilhados de madrigaes e de beijos, que caracterizam o periodo aureo do theatro classico hespanhol, e até terminar por fim em Alfieri!

Será, por ventura, nos mysterios, nas moralidades e nas antigas peças do

theatro francez chamadas *soties* (satyros allegoricas dialogadas) do XIII e XIV seculos, que se devem pesquisar os primeiros indicios d'esta profunda e efficaz renascença dramatica?

Citaram-se, e com razão, como fontes originarias algumas composições anteriores, como por exemplo a pequenapeça *As virgens loucas*, (*Les vierges folles*), escripta no seculo X, em latim e em provençal, outra *Os fogos de Antichristo*, publicada na collecção de Pez e ainda a *Petrologia de São Nicolau*.

M. Villemain no seu notavel *Quadro da litteratura na idade média*, consagra diversas paginas da sua obra aos ingenuos e curiosos dramas d'uma pobre freira saxonia do seculo X, chamada Hroswitha, trechos perfumados d'uma singela e suave unção mystica, lagrimas crystallizadas d'uma alma pura e illuminada de pallidos clarões celestiaes, repleta de illusões e extasis que as profanas visões seculares jámais poderiam apagar.

(Continua).

VICTOR MENDES.

NO MAR DA VIDA

(ESBOÇO)

Quand le limite de la souffrance est débordée la vertu la plus imperturbable se decouvre.

V. Hugo — *Les Misérables*

A noite é negra e fria, é longa e tormentosa,
No negro azul do mar
Lívida mortalha, a espuma silenciosa
E' pedra tumular!

Longe, afastado da patria porque aneaa,
Revê-a em sua mente
A mocidade, a mãe, o paé, a sua aldeia,
Tão bella, e tão ridente!

E quando vê brilhar ao longe, desmaiada
Nas vagas da neblina,
Essa pallida luz, na nevoa seiczentada,
E que o rumo lhe ensina.

Como gotta d'orvalho, alli, na immensidade,
Uma lagrima candente,
Lagrima d'amor, de esperança, de saudade
Lhe rólha mansamente!

Apagou-se essa luz, na noite tenebrosa,
No negro azul do mar
Lívida mortalha, a espuma silenciosa
Foi pedra tumular!

O mar é como a vida, a estrella que fitamos
Que nos deve guiar
De loucas illusões, em que crentes sonhamos,
E' pedra tumular!

J. V. CELESTINO SOARES.

CHRONICA SCIENTIFICA

Effeito dos fios aereos da tracção electrica sobre os fios telephonicos — Na tracção electrica feita por fios aereos passam-se as coisas como nos conductores interrompidos, isto é não ha fio de retorno, ou antes o retorno é feito pelos rails.

A tensão que geralmente admittem esses conductores é cerca de 500 voltas.

Como a maior parte dos leitores devem saber o retorno da corrente que percorre os fios telephonicos é a terra, e sendo esta o retorno da corrente produzido nos fios da tracção electrica e simultaneamente o retorno da corrente produzida nos fios telephonicos, certamente estes fios atravessados por uma corrente de menor intensidade serão atacados pela corrente devida á tracção electrica.

Os effeitos observados podem produzir phenomenos d'inducção ou de derivacção.

A corrente que atravessa o fio da tracção electrica é variavel de logar para logar mesmo no proprio vehiculo e bem assim variaveis as variações de contacto dos trolleys com o fio e das rodas com os carris, (rails).

Se um fio telephonico se acha disposto numa grande extensão que é toda percorrida pe o fio da tracção electrica, produzem se naquelle fio phenomenos de inducção que produzem for-

tes ruidos nos telephones accusando assim variações bruscas de corrente nos electromotores. E' este um dos principaes inconvenientes da tracção electrica aerea. E este e outros inconvenientes d'esta tracção podem evitar-se desde que se empregue um duplo conductor aereo para conduzir a corrente de retorno aos carros.

Este systema que parece bem simples complica-se muito nas agulhas e nos cruzamentos das linhas, originando muitas vezes curtos circuitos entre fios parallelos.

O que é mais racional é que o retorno das linhas telephonicas seja feito não pela terra, mas sim por outro fio aereo, ficando assim os fios telephonicos ao abrigo da acção das correntes produzidas pelos fios da tracção electrica, pelos fios conductores da electricidade para illuminação e pelos fios telegraphicos, impedindo simultaneamente que as communicações telephonicas se perturbem simultaneamente.

Presentemente os Estados Unidos da America do Norte tem empregado como fio de retorno para as linhas telephonicas um fio de grande diametro, supprimindo assim que a terra sirva de retorno, evitando as derivações.

A acção d'um fio telephonico que está sendo percorrido por uma corrente sobre um fio da tracção electrica é tão energica que pôde dar correntes de tão grande intensidade susceptiveis de queimar as bobinas dos carros e consequentemente estes.

Obvia se este inconveniente fazendo com que todos os postos telephonicos sejam munidos d'um fio fasivel de 3 milímetros de diametro que servira de protector dos fios collocados nesse posto, subtraindo assim os telephones ás acções fortes e perigosas das descargas electricas.

Foi esta precaução que ultimamente se tomou em Lisboa, precaução que foi ampliada com a collocação de novos postos telephonicos de grande altura a fim de augmentar as distancias dos fios.

Ultimamente a companhia electrica Thomson-Houston applicou ao fio da tracção electrica nos locais em que este passa sobre os fios telephonicos delgadas laminas de madeira apertadas com pinças, a fim de tornar os fios isoladores, comtudo a precaução anterior e preferivel.

C.

Illuminação electrica sem fios — E' esta a mais notavel novidade em electricidade após a invenção da telegraphia sem fios.

Em Londres o engenheiro Armstrong tem feito varios e curiosos estudos com uma lampada da sua invenção.

O centro productor da energia electrica distava do local onde estava a lampada 5 milhas, fornecendo a lampada uma excellente luz sem auxilio de fio conductor.

Armstrong considera a terra como conductor e simultaneamente como reservatorio permanente de electricidade, seroindo-se ainda da terra para lhe aproveitar a reacção da energia electrica, combinando assim esta corrente de baixa tensão com a proveniente d'uma bateria movel de grande potencial.

A corrente que Armstrong empregou primeiramente era inferior a um ampère illuminando duas lampadas de incandescencia de 3 velas cada uma.

C.

UM SORRISO DE AMOR

A. M. M. M.

Bons dias, florinha bella,
cada dia mais gentil
tu estás e, meiga donzella,
pareces rosa singella
desabrochando em abril!

Sorris-mê?!... Pois teu sorrir,
tão facilmente se gosa?!
E' tão facil de fruir
esse ridente entreabrir
de casto botão de rosa?!...

«Sim! — parece um momento
dizer o teu meigo olhar —
Se me prende um sentimento
como um fogo vasto e lento,
se te amo, porque o negar?!...»

E o sorriso que lançou
na minha alma esperança e vida
não mais, talvez, te lembrou,
mas no meu peito fixou
gravado pra sempre q'rida!!

A. CYRILLO SOARES

MORAL CHRISTÁ

Individuos cuja razão é offuscada por uma sensibilidade doentia, ou em que a preguiça intellectual faz preferir a rotina a reacção contra os prejuizos seculares, não cessam de preconizar a moral christá como a unica que pode dar a felicidade ao homem, e manter o equilibrio social.

Seria risivel a pretensão de querer submeter os actos humanos ao criterio d'uma recompensa de além-tumulo, n'uma epoca em que todos os nossos esforços se concentram na acquisição do bem estar que resulta da satisfação de todas as necessidades physiologicas, se tal não fôsse a orientação seguita na educação da mocidade. Orientação falsa, que, ou dá de si homens ineptos, naturezas contemplativas, maus cidadãos, ou revoltados e descrentes, sem moral solida que lhes modere os impulsos instinctivos.

Não se podem repudiar 20 seculos de trabalhos, luctas e soffrimentos, quando a razão humana, apoiada na indestructivel base da experiencia, pôde emfim proferir as verdades que os antigos em vão procuraram na metaphisica, desprezando-a, para abraçar as doutrinas mysticas e idealistas do doce Nazareno.

Segundo a Biblia, creou-nos Deus, incompreensivel na sua infinita sabedoria, com o fim unico de expiarmos o peccado de Adão, que, não se resignando á eterna ignorancia a que estava condemnado, comen o fructo da arvore da sciencia. Estamos pois n'um degredo, soffrendo o castigo d'um acto de que não somos respansaveis, e só á força de soffrimentos, de ignorancia, de abnegação, poderemos alcançar o ceu, onde nos esperam delicias infindas.

O proprio Deus, myteriosamente encarnado em Christo veiu á terra dar exemplos e pregar a verdade a verdade eterna. Soffrendo todas as dores, todas as privações, desprezando os prazeres, as riquezas e as honras; pregou a humildade, o amor pelo proximo, santificando a ignorancia, o celibato e o extasis contemplativo e esterial.

Não pretendemos criticar a mythologia biblica, nem applaudimos criticas de tão respeitavel livro, a não ser sob o ponto de vista historico e poetico. E' um valioso documento dos conhecimentos, caracter e estado mental das gerações que o escreveram.

Mas este respeito não implica sacrificio d'aquillo que no homem é mais sagrado e precioso — a razão.

Todos sabemos que o bem-estar, a felicidade, só resulta da satisfação equilibrada das nossas necessidades organicas, e impossivel é concebê-la para além da morte; a noção de goso, adquiriu a o homem pelos sentidos e em plena vida physica, e só violtando a razão poderemos conceber um goso immaterial.

Para quê, pois, subordinar os nossos actos e pensamentos á ideia d'um premio espirital, absurdo?

Não será mais razoavel que os subordinemos á conquista dos bens terrestres, tangiveis?

(Continua).

J. F. SANT'ANNA.

PERMUTA

Pedimos aos jornaes
que receberem o ACA-
DEMICO, o favor de
permutarem connosco.

COSTA, FERRAZ & C.^{TA}

GRANDE casa de tecidos e confecções para senhoras

55, 57 - RUA DO OURO - 59 E 61

SALÃO DE MODAS

DE

Eugenia Augusta Montanha

73 A 77-R. DA ESCOLA POLYTECHNICA-73 A 77
LISBOAChapeus, vestidos
e confecções

Fazem-se enxovas para noivas, Artigos de retrozeiro. Modernizam-se chapeus em renda, veludo, palha e feltro. Frizam-se e tingem-se plumas. Vendem-se moldes. Tomam-se encomendas para qualquer ponto do paiz.

TABACARIA MARQUES

152 - Rua Aurea - 152

LISBOA

Grande sortimento de tabacos nacionaes e estrangeiros. Boquilhas e cachimbos d'ambar e espuma. Boquilhas hygienicas MARQUES. Figurinos, jornaes e illustrações portuguezas e estrangeiras.

A. ABREU

ANTIGA CASA VIOVA SOARES & FILHO

57 - RUA DO OURO - 59

Completas novidades em joelheria
e ourivesaria

NETTOYAGE Á SEC

Limpam-se, lavam-se e tingem-se fatos de todas as qualidades sem desmanchar e tiram-se no doas, especialista em limpar luvas a vapor. Concertam-se leques, bonecas, louças, vidros e diferentes bijouterias.

A. Henrique

101 - RUA DO OURO - 101

LISBOA

TABACARIA L'aurorE

DE

I. P. FERNANDES

84 - Rua da Escola Polytechnica - 84
(A S. MAMEDE)

Tabacos nacionaes e estrangeiros, boquilhas, cigarreiras, tabaqueiras, e outros artigos, Toma-se encomenda de calçado de todas as qualidades, e garante-se o bom acabamento, e preços os mais modicos.

Afonso de Pinho
& Coelho da Silva

CASA DE NOVIDADES

145 a 249-R. DO OURO-145 a 149

LISBOA

Objectos para brindes, sempre as ultimas novidades recebidas directamente de Paris, Londres, Vianna e Berlim. Marcas para cotillon e diversos artigos.

Luvania — Brinquedos — Chromos para boas festas — Coróas e flores.

ALFAYATERIA CONFIANÇA

101 - Rua dos Fanqueiros - 1.º

DIRIGIDA POR

A. CARDOSO

Ex-contra mestre da CASA NUNES CORREIA

Participa aos seus amigos e conhecidos que se acha habilitado para os poder servir nas melhores condições, tanto em preços como em perfeição, para isso se acha montado este estabelecimento para poder executar toda a qualidade de obra, tanto para homem como para senhora e creanças, e com especialidade obra á militar, pois que ha pouco quem a execute.

GRANDE ALFAYATERIA DA POLYTECHNICA

Liquidação de fatos e casimiras
da presente estação

FATOS quasi de graça

Fatos de 3\$000 réis até 30\$000 réis. Perfeito acabamento e forros á escolha do freguez. Todas as fazendas são molhadas. Fornecem-se amostras a quem as requisitar. Fatos para luto feitos em 10 horas. Fatos para os empregados da Companhia Real. Esta casa abre aos domingos.

Rua da Escola Polytechnica

65, 67, 69 e 71

O PROPRIETARIO

A. S. Frazão.

PAPELARIA PALHARES

141 - RUA DO OURO - 143

LISBOA

Typographia e Lithographia a vapor. Papeis de phantasia e artigos de novidade para brindes. Deposito exclusivo do papel Rainha D. Amelia (papel da moda). Vendas por atacado e a retalho. Retratos a crayon. Letras de cobre e esmaltadas.

Fanqueiro, Retrozeiro e Modas

ALVARO COSTA & CARVALHO

Especialidade em cauisaria e gravataria. Meias e espartilhos. Leques, passemanterias e rendas. Tecidos de novidade em seda, lã e algodão.

89 - R. da Escola Polytechnica - 91

LISBOA

J. VILLAS BOAS

MEDICO

Especialista em doenças das se-
nhoras

Praça Luiz de Camões

VIGIA

CAFÉ E BILHARES

AVENIDA DA LIBERDADE

Contra as escrophulas, rachi-
tismo, tuberculose pulmo-
nar, debilidade geral, etc.

Vinho de extracto de figados de bacalhau, de Alberto Veiga, PHARMACEUTICO.

Este producto não tem o menor cheiro ou sabor do oleo de figados de bacalhau embora possua todas as propriedades d'este bello agente. E' preparado com excellente vinho do Porto. Toma-se aos calices na occasião da sobrezeza. Garrafa, 1\$000 réis.

Contra as tosses

Bronchites e outras doenças
de peito

Remedio eficaz
Xarope de chlorhydro phosphato de cal com guaiacot, de Alberto Veiga, PHARMACEUTICO.

Frasco 800 réis

Molestias de pelle

As feridas, impigens, etc., curam-se depressa com a pomada de salicylato de chumbo composto, de A. Veiga, pharmaceutico. Caixa 120 réis, pelo correio, 130 réis.

Doenças secretas

As Capsulas d'essencia de sandalo citrino, de Alberto Veiga, pharmaceutico, curam rapidamente as blennorrhagias (purgações) e catarrho de bexiga. Frasco 500 réis. pelo correio 550. O seu uso é inoffensivo, e um só frasco é sufficiente muitas vezes para obter a cura. Depositos: Coimbra, pharmacia Rodrigues da Silva, Calçada, 28; Porto, pharmacia dr. Moreno, S. Domingos, 44; Lisboa, pharmacia Alberto Veiga, 42, rua dos Retrozeiros.

Peçam em todos os hotéis e restaurants os vinhos de meza do SANGUINHAL
DEPOSITO - 129 - RUA DO ALECRIM - TELEPHONE N.º 127

Vinhos do Porto e Madeira, cognacs, licores, etc. - CHAMPAGNE a 1\$200 réis e 1\$400 réis